

## Um olhar sobre a Amazônia – Narrativa, Memória e o debate das Políticas Desenvolvimentistas

Iremar Antônio Ferreira<sup>1</sup>

Grupo de Pesquisa Energia Renovável Sustentável – GPERS/UNIR  
Instituto Madeira Vivo – IMV.  
iremafe@yahoo.com.br

Márcia Nunes Maciel<sup>2</sup>

Núcleo de Estudos em História Oral da USP  
Instituto Madeira Vivo - IMV  
marcianeho@gmail.com

Resumo: Neste texto, propusemo-nos apresentar uma reflexão sobre a vivência no espaço amazônico relacionando-a com o processo de discussão do projeto “Complexo Madeira”. O projeto “complexo Madeira” “É parte de um grande projeto de obras estruturantes na América do Sul, chamado de *Iniciativa para a Integração da Infra-estrutura Regional (IIRSA)*<sup>3</sup>. Esta proposta é resultante de uma viagem de intercâmbio pelo Rio Madeira, no trajeto de Manaus a Porto Velho, realizada no mês de Janeiro de 2007, com um grupo de estudantes e pesquisadores do Luther College de San Francisco (EUA), em parceria com o Instituto Madeira Vivo – IMV de Porto Velho. Desta experiência resultaram a realização de três entrevistas, algumas conversas não gravadas do encontro com lideranças das cidades ribeirinhas visitadas e o registro de campo. Esses dados foram utilizados para fundamentar a reflexão que propusemos como possibilidade de construção de um diagnóstico dos impactos ambientais, culturais e sociais a partir da experiência de vida dos próprios sujeitos que constituem o espaço amazônico.

**Palavras-Chaves:** Memória, Cotidiano amazônico, Impactos sócio-ambientais.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – PGDRA/UNIR/2007. Membro do Grupo de Pesquisa Energia Renovável Sustentável – GPERS/UNIR e vice-diretor do Instituto Madeira Vivo – IMV.

<sup>2</sup> Licenciada e Bacharel em História. Membro do Núcleo de Estudos em História Oral da USP e sócia fundadora do IMV.

<sup>3</sup> Cartilha de Mobilização Social – Barragens no Madeira e a Cidade de Porto Velho (2005).

A importância deste trabalho deve-se por ter sido: i) uma oportunidade de construir um olhar crítico sobre a Amazônia, com pesquisadores da área social, professores e estudantes de outro país, mostrando a importância e o modo específico de ser das populações tradicionais que vivem no espaço amazônico. Esse contato acentuou a certeza de que o projeto de construção das barragens ameaça os moradores. Embora, no momento, eles o desconheçam, conhecem o ciclo de vida do Rio Madeira - compreendendo que qualquer intervenção neste curso pode ser perigoso para a segurança física e alimentar destas populações; ii) por ter possibilitado a realização de entrevistas e conversas informais com moradores das cidades ribeirinhas, tais como Nova Olinda do Norte e Santo Antônio de Borba; antigas áreas de seringais. Dessa forma, registramos, por meio das entrevistas, as lembranças das pessoas sobre as experiências do seringal e o processo de modificações culturais, políticas, econômicas e sociais, nestes espaços.

Dessa maneira, apresentamos um pré-diagnóstico dos impactos ambientais, culturais e sociais na Amazônia previsíveis com as construções das barragens no Madeira, a exemplo de outros projetos de infra-estrutura já implantados: barragens, rodovias, hidrovias e gasodutos, formando eixos de integração sustentando o atual modelo econômico predatório, dividido em dois momentos. O primeiro diz respeito ao trabalho com a entrevista e a segunda as análises sócio-ambientais resultantes das conversas com lideranças de diferentes comunidades amazônicas.

## **Entrevistas**

As entrevistas gravadas foram realizadas com os moradores de Santo Antônio de Borba, uma cidade que surgiu a partir de uma missão fundada pelos Carmelitas em 1755, quando a antiga aldeia de Trocano passou à condição de vila com o nome de Borba (TEIXEIRA, 1999). Essa cidade é bastante comentada nas lembranças das pessoas que viveram em seringais em suas proximidades.

Isoladas, as entrevistas não podem ser vistas como um trabalho de história oral, pois a história oral adota um procedimento mais específico e, sobretudo, programado; sendo o resultado de entrevistas indicadas em projetos

previamente existentes e elaborados para atender algum objetivo (MEIHY, 2005). No entanto, as entrevistas realizadas em Borba estão ligadas ao projeto: *O Espaço Vivido e o Espaço Lembrado: Memória e Trajetórias de Pessoas que Viveram em Seringais*, por meio do qual é proposta a percepção de questões referentes à memória e à identidade das pessoas deslocadas do espaço seringal. Essa ligação, e os procedimentos adotados, fazem das entrevistas, em seu conjunto, um trabalho de história oral.

Foram realizadas três entrevistas; duas em Borba e uma com o capitão do barco no qual viajamos. A ligação dessas entrevistas com o projeto antes citado está na experiência de campo. Além disso, as entrevistas também são vistas como um exercício da prática de história oral voltada para políticas públicas. Nesse sentido, podem colaborar com a construção de um diagnóstico dos contrastes do projeto “Complexo Madeira” com as vidas amazônicas, partindo da própria experiência de vida das pessoas.

Das três entrevistas optamos por apresentar apenas uma, o que garantiu que o texto inteiro passasse por um processo de transcrição, textualização e transcrição. Apresentamos, a seguir, a transcrição da entrevista.

## **Transcrição**

*Dona Eliete, 64 anos. Migrou ainda criança para a cidade de Borba, trabalhou com os pais na roça, teve acesso à educação formal e faz parte da comunidade da igreja católica Santo Antônio de Borba. Desde criança, assume trabalhos pastorais, tem boa posição social e se reconhece como detentora de conhecimento sobre a comunidade.*

Olha! A minha vida foi assim como eu lhe disse; eu morava em Manicoré, município de Manaus, e com sete anos vim para cá né. E a nossa... A minha vida não era muito fácil. Meus pais eram semi-analfabetos... Porque naquela época tudo era difícil. Olha, as minhas irmãs eram... Eram, não, são moças bonitas, mas com pouco estudo. Eu soube ler e escrever através do meu pai que conhecia um pouquinho né... E eu já vim pra cá... Já. Melhorou!... Cheguei até fazer o magistério, não continuei mais por causa da minha idade... Tive tanta oportunidade de fazer uma faculdade, porque o pessoal aqui ia estudar pra Humaitá. Mas eu, casada, tinha meus filhos e não tinha com quem deixar, sabe?! E às vezes o marido gosta, às vezes não gosta; então, eu optei mais pela minha família do que pelos estudos, porque o que eu aprendi pra mim tá dando até agora; acho que vai dar até o fim da minha vida, né? E a nossa vida aqui... A minha vida é trabalho de roça, a gente trabalhava em roça, porque não tinha outra maneira de se manter. Aqui era só a prefeitura e só tinha quatro funcionários... Não tinha outra

opção de vida a não ser roça. Assim era nossa vida, trabalhando em roça, eu a minha irmã... Minha mãe. Aí depois passou o tempo... Aí as coisas foram evoluindo um pouquinho, até que minha irmã conseguiu um emprego; aí melhorou mais a nossa situação. Daí eu já consegui também um trabalho... Aí nós fomos levando, fomos, fomos...

Casei-me, tenho quatro filhos, minha filha é professora... Ela fez pedagogia no Rio de Janeiro, fez no Rio de Janeiro, porque ela se casou com um rapaz que é do Banco do Brasil aqui em Borba, aí ele foi transferido e ela foi embora pra lá para o Rio. Minha filha tem dois meninos; a menina tá fazendo odontologia e se forma para o ano se Deus quiser! E o menino já tem 16 anos e vai fazer o terceiro ano no Dom Bosco em Manaus, porque ele estuda lá... E eu me empreguei na prefeitura; aí me aposentei por lá pela prefeitura mesmo. Eu trabalhava na prefeitura como auxiliar de serviços contábeis. Eu não era formada em contabilidade; aliás, eu fiz contabilidade assim, por correspondência... O curso parece que funciona por meio da lei 4320 que é do IBAM... E parece que foi através dela que eu fiz dois cursos, né. Sempre a gente fazia cursos por correspondência. Aí eu trabalhava na parte de contabilidade aqui porque fiz esse curso.

Eu fiz o magistério aqui em Borba, mas não exerci, porque, eu acho assim... Eu não quero ser melhor do que ninguém, mas eu acho que eu não tinha o dom, sabe? Fiz porque era o único curso que tinha aqui. Pra ir lecionar; eu não quis... Apesar de que quando eu estava estagiando tinha até o doutor Nério que foi secretário do governo aí em Manaus que assistiu a minha aula e disse que eu ia ser uma boa professora e tudo, mas eu acho que eu não tinha aquela paciência, sabe, para eu lidar com criança. Então eu não quis. Não assumi por isso, porque não acho justo eu tá ganhando um dinheiro só por ganhar, sem dar um bom aprendizado pros meus alunos, não é verdade? Então eu não quis lecionar por isso.

Eu vim pra cá na década de 50, em 1950. Meu irmão veio já nos finais de 1949, e quando foi no início de 50 nós viemos pra cá. Eu era uma menina de sete anos na época. Aqui em 1950, a última rua era essa que passa aí em frente da minha casa e morre no meio da igreja. O nome dessa rua é Marechal Theodoro. A cidade era até a Marechal Theodoro... Pra cá... Depois de onde eu moro... Isso tudo era um mato... Tudo... Tudo... Tudo... Era mato! Aonde tem um colégio que agora tem uma quadra, 31 de março, que agora tem outro colégio que não era só residência, como é agora. Tinha também a casa de uma amiga minha. Não tinha rua pra cá não tinha nada, aí a gente entrava na mata para juntar tucumã e tudo, eu vinha aqui nessa rua em frente a minha casa era caminho.. Que a gente diz, sabe? Pra cá tinha um olho d'água...

Então como a gente não tinha água encanada... Não tinha água encanada nada aqui em Borba... Como a água do Madeira era suja, a gente apanhava água aqui na fonte... Porque eu, nós... Eu morava... Nós morávamos lá na colônia... Atravessando a ponte tem uma colônia... Nós tínhamos um terreno lá, um terreno quem vai da esquerda era nosso... Era bem grande o nosso terreno, lá nós tínhamos café, ninguém comprava café, porque a mamãe... A gente apanhava de um ano pra outro e a gente deixava... Secava com o cacho e tudo né.

Ficava de um ano para outro, aí no outro a mamãe esquentava aquilo e a gente colocava no pilão pra pilar a semente e depois torrar pra gente fazer o café.

Tudo tudo aquilo.... Isso aqui tudo! Tudo! Só a Rua 13 de maio que ia até a igreja que é perto do Rio. Só essa parte daqui do fundo. Mas essa parte daqui tudo, tudo! era mato. Nessa parte da rua 23 de maio tinha casa, mas essa parte daqui de trás tudo era mato. As pessoas que moravam aqui eram daqui mesmo, não era gente de fora não. E Por sinal ainda moram por aqui... Muitos ainda moram aí. Os seus netos... No quintal da nossa casa, da outra casa que nós temos naquela outra rua lá da colônia, lá para o lado de dentro. No quintal da casa do meu marido... Era seringa... Seringa... Era... Só seringueira... Ele criou com a primeira esposa dele né. Porque eu sou a segunda esposa dele, a primeira morreu de acidente. Então ele criou os filhos cortando seringa lá, porque tinha um senhor que comprava que se chamava Pecapiran que ele tinha aquele material para colocar no látex que ele tirava... Pra num qualhar né, a ele levava pra lá... Não tinha um seringal! Não era um seringal, mas em alguns quintais tinha seringueira... Lá na colônia tinha... Não era um seringal!

Lá onde nós chamávamos de colônia, agora é o bairro São Sebastião. Lá na colônia lá onde nós morávamos, tinha seringueiras... Onde tem casa agora... Tinha várias seringueiras, que minha irmã até cortava seringa. Tem uma que mora agora em Manaus também graças a Deus, ela cortava seringa. Não era assim para dizer que eram seringalistas também! Não. Eram os quintais que tinha vários pés de seringueiras, sabe! Não era um seringal como antigamente, que a pessoa sai, vai lá para os seringais, como os seringalistas. Não. Não era assim, mas nós! Nós tínhamos as seringueiras em nossos quintais.

Eu cresci aqui, e minha vida foi aqui. Hoje em dia têm mais religiões além da católica. Agora nós já vivemos aqui num mundo de paz. Você podia sair a hora da noite que você quisesse, você não encontrava uma viva alma na rua e ninguém mexia com você, hoje em dia infelizmente! Acho que devido a essas enchentes grandes que tem dado esse pessoal do interior vieram muitos pra cá; muitos não são do interior, mas muitos são. Então tem esses transtornos de briga aí. A droga chegou, aí acabou. Antes a gente tinha muita paz, nós ainda temos paz, mas já é mais complicado, por causa disso, da boca de fumo, assim, é muito ruim, mas era bom! Esse é um assunto que falo em voz baixa. Olha! A nossa vida aqui era assim.. Como vamos dizer? Vamos falar sobre a alimentação. Não tinha muita... Naquele tempo não tinha marmite, não tinha nada; tinha poucas coisas, tinha apenas um mercado aí né. Todos os moradores, que eram poucos, cada um aqui tinha a sua roça, tinha uma canoa, uma tarrafa, que agora já é malhadeira, tarrafa e uma espingarda, cada qual pescava né, aquele que não pescava comprava... Um do outro. Tinha um senhor bem aí que a gente comprava peixe dele, pegava matava pirarucu, peixe-boi, ele pegava piaba, e outros tipos de peixe né, aí a gente comprava dele. Então na época da piracema, que dizem né? Que é quando o peixe vem eles pegavam bastante peixe. Sei que cada qual pegava, sei que o papai pegava muito e aí a mamãe botava a gente pra tratar esse peixe, a gente salgava porque não tinha geladeira né, (eu lembro disso e agora acho até engraçado). Lá em casa tinham aquelas gamelas, aquelas

panelas que a gente fazia de pau né, aí a mamãe escaldava aquele peixe todinho, deixava naquele sal mora uns dois dias, aí depois ela tirava e botava aquilo pra pegar um sol e deixava.

Aqui a gente passava aquela época, era ruim que não tinha carne pra gente comprar... No mercado quando aparecia um peixe! Um peixe não, uma carne, tinha um sininho bilim, bilim, bilim, às vezes, quando chegava lá não tinha mais. A gente escutava o sininho tocar e ia lá no mercado atrás de carne, mas não encontrava mais, porque já tinham comprado, porque tinha juiz, promotor, sempre teve juiz promotor, corretor, esse pessoal aí... E comerciante por aqui. E eles compravam tudo. Agora o que tinha bastante mesmo era pirarucu e até hoje eu sou louca por pirarucu. Aqui era só chegar ao mercado e a gente comprava os montes. Pra fazer o que quisesse com pirarucu, hoje em dia né, é difícil e é caro, mas eu sempre como aqui em casa...

E a vida era assim. A gente vivia disso. Da roça, você podia entrar em qualquer casa, outra coisa não podia ter, mas a farinhazinha tinha, porque todo mundo trabalhava na sua roça. Olha, eu fui uma pessoa que... Eu vendia açaí, tinha muito açaí no quintal da nossa casa, a mamãe fazia. Eu vendia açaí, eu vendia beiju, minha mãe fazia beijuçica, beiju de lenço, tinha aqueles de tapioca, ela fazia, era muito delicioso! Você comer aquilo que ia agitando na boca quando você ia comendo! Enche a boca de vontade... Antigamente tinha querosene, usavam muito, tinha até geladeira a querosene naquela época.... Aí a mamãe fazia aqueles beijus e colocava naquelas latas tudinho e guardava. Aquilo era pra gente tomar café de manhã. Beiju de lenço, beijuçica, pé de moleque que até hoje eu faço, tudo a gente fazia aqui em casa. No forno, da mesma forma como a gente faz hoje no forno. Torrava massa, da farinha a única coisa que eu não sei fazer é escaldar, porque a minha mãe não deixava, mas de tudo eu sei! Sei limpar pra fazer plantação, sei plantar, sei cavar pra plantar, sei capinar, sei ralar... Sei pôr no tipiti pra espremer, tudo isso eu sei da farinha, que era a vida da gente naquela época. Era isso mesmo né. E era o jeito a gente fazer, mas graças a Deus ninguém passava fome, ninguém roubava. Ninguém pedia. Porque a gente tinha no meio da roça.

Aí meu pai morreu. Só ficamos nós mesmos. Já só era eu com a minha irmã, essa que ta pra Manaus, e aí a gente plantava feijão no meio da roça, plantava assim no meio da roça. Mamãe plantava o feijão, quando ele ficava assim no ponto, logo ele tava seco, quando tava assim meio verde pra cozinhar, a gente comia com verdura, aí tinha cariru, tinha gerimum, tinha abóbora que chamam girimum, tinha macaxeira. Aí minha mãe fazia aquele cozido com aquilo tudo para comer com peixe. Peixe salgado que a mamãe salgava né. Assim a gente passava. A mamãe criava muita galinha, galinha! galinha! Mesmo que ela tirava assim era de 60 pintinhos, aquilo chega tava uma beleza assim!!! Graça a Deus, o nosso quintal era grande todo cercado né. Sinto uma alegria saudosa desse tempo! Era um tempo bom... Não tinha ladrão, não roubavam... A gente ficava à vontade. Viemos pra cá... Eu, mamãe, papai, a minha irmã Glair, a Flor e o meu irmão Rui, que já morreu. Teve um irmão meu que ficou lá em Santarém onde a gente morava que era casado e que também já morreu, a família dele mora toda em Manaus, mas ele já morreu. Também tenho uma irmã minha que mora em Belém. Hoje a Glair mora com a filha dela, a Socorrinha e a Flor também moram com elas.

O modo de vida aqui era diferente. As pessoas tinham o costume de fazer aquelas pranchas na beira do rio pra lavar roupa. Nós ficávamos lavando aqui na beira do Igarapé... Bem no final dessa rua, que passa ao lado da minha casa. Tinha... lá... O pessoal lavava roupa aí embaixo da ponte, bem em baixo. Naquele tempo a água era limpa! Agora porque aqui nestas partes da periferia não limpavam, e o pessoal que mora aqui passou a fazer o sanitário com a fossa para o lago, aí a água ficou suja e a gente não pesca mais lá. Naquele tempo não, não tinha sanitário escoando no lago né. Aí a água era uma beleza! Quando sujava também lá no rio, que a água ficava barrenta a gente vinha pegar água aqui no lago, a água era pretinha! Era uma maravilha! Não tinha poluição, não tinha nada. A gente lavava roupa aí debaixo da ponte também, tinha era muita prancha, a mulherada lavava roupa, a gente corava a roupa assim no lago, você passava em cima da ponte, chega tava auvinha aquela roupa corada! Ninguém mexia. Hoje em dia ninguém pode fazer isso, senão nem aparece roupa nem nada, porque roubam tudo. Até dizem que o prefeito queria ver se conseguia tirar essas casas, para ir despoluindo o rio.

Tinha um peixe que era tão gostoso! O pessoal só pescava assim de caniço, sabe! Jaraqui era muito gostoso, porque não era poluído, mas agora ninguém pode fazer isso. Aqui no Igarapé, em cada quadra tinha um porto, a gente dizia porto onde tinham as pranchas que as pessoas lavavam roupa, a gente vinha aqui, bem aqui atrás de casa tinha... A gente caía n'água... Bem aqui tinha um pé de mari-marizeiro onde a gente gostava de cair n'água. A gente pulava n'água e não tinha medo de nada. Nunca nem tive medo de boto, porque acho que a gente era acostumada assim vendo, aí não tinha medo. Eu nunca tive não. A gente via contar as histórias deles né. Por sinal a gente tinha um amigo que já morreu também, eu era muito amiga, das filhas dele, que agora são formadas, são professoras. E elas contavam uma história que o pai delas contava.

Era uma história do boto. O pai delas morava lá do outro lado do rio, onde tem uma ilha e eles tinham casa para lá, depois que ele veio morar pra cá. Diz que um dia ele tinha uma dor de cabeça que num tinha o que fizesse passar... Ele não sabia o que fizesse mais com essa dor de cabeça. Aí quando foi um dia, ele ia passando né, aí quando ele viu um boto, daquele vermelhão né! Bem perto da canoa dele, aí ele disse: "-Ah boto vai t'imbora, tu devia era curar a minha dor de cabeça que não passa" - Aí ele foi embora. Chegando em casa, foi ver a janta, depois da janta ficou jogando baralho até tarde. Aí bateram na porta né. Ele contava mesmo! Ele disse que era verdade. Eu não sei se era, mas ele dizia que era né. - Bateu na porta, ele foi ver, quando ele atendeu, aquele homem... Bonito! Bem na frente da casa dele.

- Eu vim atender o seu chamado.

-Que chamado?

- Você não disse que você tinha uma dor de cabeça, que é muito séria, então é agora.

Ele foi lá... E depois foi embora:

- Quando você precisar de alguma coisa me chame, eu fico nessa área... De Porto Velho ao Madeira. Pode me chamar... Me chame...

Como meu Deus, como é o nome dele? Eu me esqueci até do nome do boto... Ele disse pra ele... Ele deu o nome dele pra ele.

- Pode me chamar que eu venho. E ele disse que ele ficou bom. Nunca mais doeu a cabeça dele. Ele contava, mas eu nunca tive medo não. Têm essas histórias de boto virar homem e encantar as meninas, que contam, mas eu não tenho medo deles não.

Naquela nossa época que tinha a pastorinha, sabe! Uma festa tão bonita, hoje em dia as moças já não querem participar, já pelemos muito pra ver se elas vão. Pastorinha é uma brincadeira que tem os reis magos, tem a rainha, tem o rei, tem o príncipe, o nascimento de Jesus sabe. É uma coisa muito bonita é uma tradição daqui, mas é que o pessoal não quisera mais fazer... Naquela época era assim. Você chegava aqui, falava com a mamãe: "- A senhora deixa sua filha brincar de Pastorinha?" Se a mamãe dissesse: - "Deixo". E dissesse "é cinco horas". Tinha que tá lá. Quando eram cinco horas em ponto pode ir pra lá, que a gente ia e ensaiava. Aí era conforme a voz da gente, eles escolhiam o papel que a gente fazia, se era pastorzinha, se era mestra, se era contra-mestre, que ia ser a pastorinha sabe. Era assim. E nós íamos e todo mundo gostava. E o padre daquela época do jeito que ele era bem rígido né. A gente brincava, quando era dia 24, meia noite, a gente tava tudo na igreja pra assistir a missa, toda com a aquela roupa bonita né. Aquela roupa de cetim que era feita, tudo! Todos participavam.

Nessa época, era a terceira ordem regular Franciscana que cuidava daqui da igreja, mas quando eu cheguei não era a ordem Franciscana ainda, era o Padre Bento, Padre Bento José de Souza. Depois ele passou cônego. Ele era... Deus me livre! Ele era uma pessoa rígida, ninguém entrava com uma roupa sem manga na igreja, se entrasse.... Eu, o dia que eu completei quinze anos a minha irmã só fez uma festinha pra mim, eu vesti uma roupa sem manga chorei muito, parece que eu estava nua. Roupa sem manga! De jeito nenhum. Porque era nosso costume. Deusolivre! Ninguém!!! Vestisse... Se fosse com uma roupa sem manga na igreja, ele colocava fora. E sabe naquele tempo todinho, não podia resistir aquele respeito né! Ele e os pais apoiavam também, mas ele era ótimo! Depois dele foi que veio os padres da terceira ordem regular e que já veio pra cá o Bispo Dom Adriano, já morreu também, tá sepultado aí na nossa basílica, nosso santuário.

Olha! Aqui era tão pequeno. Onde é o hospital agora era um campo de futebol, lá que jogavam bola. Hoje em dia foi aumentando, foi evoluindo né. As pessoas vêm muito aqui fazer promessa. Fazem todo ano. Na época do festejo... Em Junho na festa de Santo Antônio, vem muita gente! Muita, muita, mesmo! Ele é muito milagroso, o Santo Antônio. Têm muitos milagres que o pessoal conta né, mas... Ultimamente nós tivemos de um rapaz que tinha... Leucemia... E ele um dia... Tava lá na igreja... Foi dar o testemunho dele... Disque o médico não foi nem atender ele em Manaus, quando ele foi atender, por incrível que pareça, a médica dele tinha viajado, quando o médico foi atender:

- Você???... Não eu não acredito! Não, eu não acredito que é você!

- Pois sou eu.

Agora ele está em tratamento por dez anos, mas tá forte. Era Leucemia que ele tinha. Depois foi outro que foi dar testemunho. Ele disse que tinha pressão alta e não ficava bom, tava pra morrer. Aí já deixou o aparelho de medir a pressão aí e já leiloaram, levou pra lá. E tem outras pessoas que contam também que vem fazer promessa... Nessa época é tanta gente que faz promessa e a gente nem consegue saber de todo mundo né... Eu pelo menos estou muito envolvida na Igreja, trabalho, faço as coisas pra lá, mas não me envolvo muito nessa parte né. Mesmo, envolvida na Igreja, ainda não precisei pedir que aconteça algum milagre comigo, desses mais difíceis, só assim aqueles que a gente pede na época de emprego. Quando a gente não tem emprego e pede. Consegue.

Eu sou uma pessoa que rezo muito, tenho muita fé em Deus, muita mesmo! Rezo muito pelos meus filhos, por todo mundo. Aí quando estou num aperreio já corro no meu terço, porque eu tenho um bocado de terço, em cada canto que eu vou eu deixo um. Eu vou e rezo, rezo mesmo, pelo mundo, por todas as pessoas eu rezo! E ele... O santo Antônio faz muito milagre. Têm vezes que vêm umas moças aí na igreja que eu converso... Porque eu todo esse tempo trabalho na Igreja, só que eu não vivo na igreja, agora estou fazendo uns guardanapos para a igreja e tiro uns dias da semana para cuidar da igreja, mas quando estou lá, encontro essas moças, elas e o marido pagando promessa. Porque elas fizeram promessa para arrumarem marido, aí casaram, e estão bem, aí elas vêm pagar a promessa, uma delas disse: “-A promessa que eu fiz é que na época da festa eu vou varrer a igreja”. Aí, elas vêm no tempo do festejo e ficam varrendo, limpando, ajudando lá.

Vêm muitas fotografias das pessoas, muitas... Perna é braço, tudo tem lá, na parte dos milagres, que eles vêm aí deixar. As pessoas fazem suas promessas quando estão doentes, aí conseguiram ficar bom, mas não podem vir aqui, aí mandam fotos e muitas cartas também, mas isso é lá mais com o padre que tem essas cartas, que lê abre o cofre e guarda elas lá. Tem carta agradecendo pelo milagre de vida, que nem um caso de um senhor, que parece que é daí dos altares, um lugar próximo daqui, que perdeu boi, e perdeu e botou uns dois atrás e não encontraram, ele fez promessa pra Santo Antônio, que se ele encontrasse os bois dele todinhos, que ele trazia um para ele né. Ora! Na mesma hora que ele saiu atrás, ele encontrou o boi todinho. Ele traz boi todo ano. Muita gente traz assim, treze, quinze cabeças de gado às vezes, ou mais, tem gente que traz muito! Pagando promessa mesmo.

O Pessoal vem fazer promessa aqui em Borba desde a época do seringal, que era para o Aripuanã... E para outros lugares que nem sei onde era. Sei que era o pessoal que vinha dos seringais. Desses seringais eu ouvi falar do Uropiara, mas não sei onde fica. Vinha muita gente fazer promessa, aí o pessoal da rede Amazônica veio aqui fazer uma entrevista, com o pessoal tudinho né. Eles falando, contando suas histórias, aí um carrega pedra, outro carrega espingarda, outro se veste como Santo Antônio e é assim. Comigo assim, ainda não aconteceu nada muito grave pra eu fazer uma promessa e receber um milagre de alguma coisa muito difícil, mas eu já consegui uma graça! Eu fiz uma promessa que enquanto eu tiver vida eu todo ano na procissão dele (Do Santo Antônio) eu vou de branco e descalço. (.....) pra conseguir emprego, pra conseguir viver bem. Aí graças a Deus até hoje eu levo uma vida boa, até me

aposentei. Foi eu que fiz essa promessa e enquanto eu tiver vida, os dias que tiver de vida eu vou de branco todo ano.

O pessoal mais antigo diz que Borba era Santa, mas eu não era dessa época. Não era mais da minha época não. Teve gente que contava assim: que o Santo Antônio, eles deixaram ele aqui em cima, num lugar que chama-se Santa Isabel no Apará, perto de São Galego, ia, deixavam ele, quando era de manhã ele estava aqui na frente da igreja todo molhado cheio de carrapicho, como se ele tivesse vindo andando até chegar aqui, todo tempo! Até que fizeram a igreja pra ele e pronto. Ele não foi mais, ficou aí no lugarzinho. Era palhocinha ainda a igreja, depois foi aumentando. Conforme a comunidade foi crescendo, foi aumentando a devoção ao Santo Antônio. Ah! Eles dizem né, mas nessa época nem no mundo eu ainda não estava.

Dizem que quando os guerreiros inimigos vinham atacar a cidade eles enxergavam muita gente aqui. Quando ia iniciar o ataque, eles enxergavam aquele bando de gente, aqueles índios com flecha e tudo, aí eles voltavam, mas não tinham nada, nada, nada! Era na vista deles apenas. Quando olhavam pra cá eles enxergavam, mas não tinha nada não. É! o Povo ali na colônia contam essa história, agora acho que já não tem mais umas construções antigas, porque quebraram tudo, mas antes quando ainda era nessa ruazinha assim que tinha pra lá um pouco da ponte, quando ainda não tinha muita gente, tinha lá aquelas coisas assim de cimento que nem um forte, até onde as pessoas se escondiam para fazer guerra. Naquela época brigavam por causa das disputas de território. Os guerreiros vinham por causa das terras.

Aí quando eles vinham para querer atacar os daqui, eles enxergavam muita gente! Os índios tudinho querendo flechar! Mas aí não tinha ninguém e diz que isso era tudo milagre do Santo Antônio, mas faz tempo, eu nem era nascida ainda.

A cidade de Borba é muito antiga, tem mais de 200 anos já. O Povo conta a história daqui muito longe! A história de Santo Antônio vai longe, pelos menos da Itália agora sempre tem alguém, toda festa sempre vem encomendador, vem marinheiros... Eles ajudam muito aqui. Estão fazendo uma basílica para nossa senhora... Vai ser para a Nossa Senhora Aparecida. Tá ficando linda! Linda! Linda! E está ficando cada vez mais bonita! São José é Nosso Bispo, mas só que agora é o outro bispo que assumiu, eu não me lembro o nome dele, mas é o Dom José que conseguiu começar a basílica, ele disse que enquanto ele tivesse, ela ia ser inaugurada, mas se Deus quiser, acho que é capaz de julho conseguir inaugurar... O mês de julho dá muita gente! Vem pra um, vem pra outro, vem de todos os lados, o pessoal reza muito, só que tem muito evangélico também, mas eu também sou evangélica né! Quem acredita em Deus é evangélico, tem protestante, que inclusive nem tinha, e agora eles são bastante, mas a igreja católica predomina, o pessoal reza muito! De 1 a 13 de julho, são treze dias. É ótimo! Aqui esta rua só vendo como é que fica muita gente que vem mesmo, aqueles vendedores ambulantes, os camelôs que vêm por causa da festa, vêm shows, que o prefeito manda buscar, Olha! Agora mesmo no reveillon teve tão legal aí, se Deus quiser ele ta trabalhando bem e vai trabalhar mais ainda para esse festejo ser mais bonito ainda!

Eu gosto muito daqui de Borba, eu me criei aqui, apesar de ter vindo de Manicoré com meus pais e minhas irmãs. A minha família escolheu vir pra cá, mas eu tenho alguns parentes

que foram para Porto Velho. Eu tenho muitas pessoas da minha família de Manicoré morando pra lá, eles vão mais pra lá do que pra cá para Borba. Eu tenho muitos anos que vivo aqui em Borba e sempre vejo que aparece alguém aqui procurando falar com alguém que vive a mais tempo na cidade. O pessoal traz aqui pra falar comigo. Quando eu vou lá para colônia, eu converso com as pessoas e aí um dia uma senhora me disse: “- Ah, mas a senhora sabe de tudo!” Eu sorrio quando me dizem isso, mas assumo que sei muita coisa daqui. Essa rua aqui era casa de fulano, aqui era casa de ciclano, aqui era isso, aqui era isso. Eu sei, eu me lembro de tudo! Graças a Deus que eu estou com memória! Tem esse lago que era bonito!!! É assim...

Eu não me importo de minha entrevista ser usada para que outras pessoas possam conhecer o modo de vida das pessoas daqui de Borba. Porque não vai me prejudicar. Não. Não tem problema não. Pois a nossa vida era assim: Caça, pesca,... Era assim que se vivia antigamente aqui.

### **Um possível diagnóstico**

Como podemos observar na leitura do texto acima, a própria narração de D. Eliete dá conta de apresentar o contexto do modo de vida da cidade, as mudanças sociais, culturais e econômicas com o seu crescimento. O ideal seria relacioná-la com as outras entrevistas para percebermos as interligações e diferentes versões sobre as histórias contadas da mesma cidade.

A entrevista no contexto da experiência de vida, traz uma riqueza de informações dos diferentes tempos históricos da cidade e dispensa uma análise mais extensa. No entanto, vale ressaltar que, nesta entrevista, uma das questões principais narrada por D. Eliete são as mudanças ocorridas na cidade no decorrer do tempo. Ela atribui os problemas da cidade ao processo migratório:

Eu cresci aqui, e minha vida foi aqui. Hoje em dia têm mais religiões além da católica. Agora nós já vivemos aqui num mundo de paz. Você podia sair a hora da noite que você quisesse você não encontrava uma viva alma na rua e ninguém mexia com você, hoje em dia infelizmente! Acho que devido essas enchentes grandes que tem dado, esse pessoal do interior vieram muitos pra cá, muitos não são do interior, mas muitos são. Então tem esses transtornos de briga aí. A droga chegou, aí acabou. Antes a gente tinha muita paz, nós ainda temos paz, mas já é mais complicado, por causa disso, da boca de fumo, assim, é muito ruim, mas era bom!

D. Eliete não participou da reunião com as lideranças na qual foram apresentadas as informações sobre o projeto “Complexo Madeira” e, mesmo assim, ela colocou uma questão central para pensar as consequências da implantação do projeto: o *crescimento demográfico* regional e com ele as controvérsias – doenças, drogas, violência, quebra das relações sociais e familiares, prostituição infanto-juvenil, degradação do meio ambiente, entre outras consequências, a exemplo de Coari no Amazonas (GAWORRA/2003).

Essas questões levantadas por D. Eliete, possibilita visualizar a dimensão da implementação de Políticas Desenvolvimentistas na Amazônia como a que segue.

O governo brasileiro pretende aumentar a oferta de energia às regiões Centro e Sul do País, onde se encontram os parques industriais mais importantes economicamente. Sob a pressão do setor elétrico, da eminência de um “apagão elétrico”, tem tentado convencer as instâncias governamentais e a opinião pública de que o licenciamento ambiental de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA é a última barreira para a efetivação destes projetos. Entretanto os Estudos de Impacto Ambiental – EIA, que sustentam a proposta dos empreendimentos energéticos no Rio Madeira, apresentados pelo consórcio Furnas e Odebrechet, refletem a negligência legal e a pressão pela implantação das obras a todo custo, não exigindo do empreendedor o estudo de impacto ambiental na bacia hidrográfica do Rio Madeira, conforme reza a Resolução n. 001/86 do Conselho Nacional de Meio Ambiente - CONAMA.

Convém destacar que a proposta originária dos empreendedores feita por Furnas e Norberto Odebrechet do Brasil, em seu planejamento do uso integrado da bacia hidrográfica do Rio Madeira, apresentou o chamado “Complexo Madeira”, composto por: barragens (para superar obstáculos – permitir a navegação nas regiões de cachoeiras com a formação de lagos e a construção de eclusas – canal de navegação); hidrelétricas (inicialmente com Santo Antonio e Jirau, seguidos de Cachoeira Ribeirão – Cachoeira Esperanza – Beni e Madre Dios, que juntas vão produzir impactos em toda a sua bacia, que gira em torno de 1.400.000 km); e hidrovia – Madeira/Mamoré/Guaporé partindo de Porto Velho, que permitirá perfazer mais de três mil quilômetros de navegação por estes rios, ligando a hidrovia existente de Porto Velho a Belém

ao Rio Paraguai na região de Cáceres no Mato Grosso, visando baratear custos no transporte de grãos – soja das regiões de cerrado no Brasil: Centro Oeste, Sul de Rondônia, Sudeste do Amazonas e no cerrado do lado boliviano. Assim sendo, contribuiria para a maior cadeia de navegação fluvial das Américas, chegando até a Argentina, na Bacia do Prata.

O Complexo Madeira por si só é um tema complexo, planejado para uma região extremamente frágil do ponto de vista ambiental e social (dezenas de unidades de conservação de uso direto e indireto e terras indígenas). Merece da sociedade civil brasileira e dos países vizinhos banhados pela grande bacia hidrográfica Bolívia e Peru uma reflexão profunda, tomada de consciência do que representa este projeto para o desenvolvimento sustentável regional e a lógica que o sustenta. É preciso permitir que as populações tradicionais (indígenas, ribeirinhos, seringueiros, pescadores da grande Amazônia) tenham de fato conhecimento da dimensão dos impactos que estas obras representam e o que elas desejam como infra-estrutura, que atenda aos seus interesses e direitos, levando em consideração a continuidade da vida nesta região.

O modelo posto em prática na Amazônia Brasileira e Andina é de expropriação e depredação dos recursos naturais, concentração de territórios, de riquezas e de poder. Esse modelo tem como planejador a Iniciativa de Infra Estrutura Regional da América do Sul – IIRSA, articulada por líderes políticos, empresas de construção civil e bancos financiadores de grandes obras, que sustentam projetos de integração com viabilidade econômica: minério, madeira, soja, recursos hídricos, energia, gás natural etc. O agro-negócio da soja tem representado no Brasil a concentração de terra, de renda e de poder, produzindo em grande escala a exclusão social dos agricultores familiares, agonizando a situação já caótica dos centros urbanos. Estes projetos deixam de lado as possibilidades reais de projetos com viabilidade social, cultural e ambiental das populações tradicionais, variáveis consideradas inviáveis, pelo seu custo, nas propostas em discussão.

O desenvolvimento não pode ser medido apenas por valores econômicos, o que é excludente, mas, sobretudo, pela oferta de serviços em saúde, segurança e educação que assegurem qualidade de vida, qualidade ambiental e território às populações tradicionais, ou seja, inclusivo, como pode ser sistematizado no quadro abaixo.

Quadro 1: Indicadores de Sustentabilidade

| Indicador   | Descrição  |
|---|--|
| Limite ecológico                                  | Necessidade de delimitação do consumo                            |
| Preservação da integridade dos processos naturais | Garantir os fluxos de energia na biosfera                        |
| Sociais   | Justiça distributiva como critério básico                        |
| Preservação da sociodiversidade                   | Manutenção de valores culturais, éticos, símbolos e identidades. |
| Político  | Aprofundamento da democracia e da construção da cidadania        |

Fonte: GUIMARÃES (2001)

### **Considerações a partir das conversas com as lideranças**

Pensar um novo modelo de desenvolvimento sustentável que contemple estas populações e especificidades regionais é de responsabilidade dos governantes e dos pesquisadores da Amazônia.

Embasados pelo compromisso de pensar um desenvolvimento inclusivo e participativo, que tenha princípios éticos, pesquisadores da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR e do Instituto Madeira Vivo – IMV, juntamente com estudantes americanos, realizamos reuniões com lideranças locais: políticos, religiosos, sindicalistas, indígenas, pescadores, ribeirinhos e populares, pelas cidades ao longo do Madeira até Porto Velho, objetivando trocar informações acerca dos desafios locais e perceber qual o grau de informação destas populações acerca do projeto hidroviário e hidrelétrico no Madeira, bem como ouvir dos moradores sua percepção quanto ao projeto, ou seja, que ele pode representar do ponto de vista de impactos sócio-ambientais em suas vidas, cujo meio de ligação com o mundo externo (Manaus e Porto Velho) para a maioria da população é o rio Madeira.

A ausência ou a pouca informação que chega até as populações amazônicas, referente ao Complexo Madeira, não possibilita que tenham uma avaliação dos impactos sócio-ambientais em suas vidas, embora a experiência de vida lhes permita perceber as conseqüências dos projetos de infra-estrutura na região, conforme percebido na narração de D. Eliete e na fala abaixo de lideranças indígenas – Parintintin e Mura:

“As secas ocorridas no Madeira em 2005 foram muito grandes... Os desmatamentos aumentaram... O Madeira cada vez vai secar ainda mais... como vamos navegar pelo Madeira se construírem barragens nele!? Todo mundo aqui para baixo vai sofrer muito, podemos ter problemas de alimentação, pois nosso peixe vai morrer quando o rio ficar raso. Eu acho que o governo não deveria fazer isso não, eles podem acabar de vez com nossos povos... não só os indígenas, mas os caboclos, ribeirinhos, pescadores, agricultores que vivem da várzea, todo mundo vai sofrer... eu sou contra este projeto”.

Líderes políticos locais afirmavam desconhecer o projeto, que haviam ouvido falar pela Rádio Nacional da Amazônia, no programa “A Voz do Brasil”, mas nem imaginavam que este poderia afetar diretamente a vida de habitantes em Humaitá, Manicoré, Santo Antonio de Borba e Nova Olinda do Norte.

O desafio de se construir políticas públicas inclusivas, participativas estão postas. Conseguirá o Plano de Aceleração do Crescimento – PAC, tornar as obras de infra-estruturas planejadas, instrumentos de desenvolvimento regional sustentável, integrando os povos amazônicos, com suas especificidades culturais, a um processo de geração de renda distributiva e garantindo equilíbrio sócio-ambiental? Eis a questão.

## **Referências**

GAWORRA, Dieter. Urucu – Impactos sociais, ecológicos e econômicos do projeto de petróleo e gás “Urucu” no Estado do Amazonas. Editora Valer. Manaus – AM, 2003.

GUIMARÃES, R. P. A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento. In: VIANA, Gilney *et al* (org.). *O desafio da sustentabilidade: um debate sócio-ambiental no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. São Paulo, 2005.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. *Visões da natureza: seringueiros e colonos em Rondônia*. São Paulo: EDUC, 1999.